

A MILITÂNCIA CRÍTICA DE PIERRE BOURDIEU

Antonio Julio de Menezes Neto

Resumo

Este artigo, fazendo um recorte nos temas mais próximos da sociologia da educação, debate os conceitos acadêmicos e a militância política de Pierre Bourdieu. Procura indicar que Bourdieu sempre teve como marca o seu inconformismo e procurou saídas na militância. Dessa forma, o encerramento de Bourdieu apenas como um autor reprodutivista, ou um elaborador de métodos acadêmicos de pesquisa, não consegue visualizar o autor que buscou alternativas sociais na militância social e política.

Palavras-chave: educação, reprodução, militância política.

PIERRE BOURDIEU'S CRITICAL MILITANCY

Abstract

This article debates Pierre Bourdieu's academic concepts and political militancy by highlighting some topics related to sociology of education. It tries to show that Bourdieu's noticeable feature has always been his nonconformism; in his militancy, he tried to find some solutions. Therefore, to consider Bourdieu a reproductive author, or a scholar who merely designed academic research methods, does not allow us to see the author that searched for social alternatives in social and political militancy.

Key-words: education, reproduction, political militancy.

“Não há verdadeira democracia sem verdadeiro contra-poder-crítico. O intelectual é um contra-poder, e de primeira grandeza. É por isso que considero o trabalho de demolição do intelectual crítico, morto ou vivo –Marx, Nietzsche, Sartre, Foucault, e alguns outros classificados em bloco sob o rótulo de pensamento 68- tão perigoso quanto a demolição da coisa pública e inscrevendo-se no mesmo empreendimento global de restauração” (Bourdieu, *Contrafogos*)

Introdução

O sociólogo francês Pierre Bourdieu¹ foi construtor de uma vasta e rigorosa obra, assim como foi dono de um olhar crítico da sociedade em que vivia. Nos anos 1990 e no início do novo século, período em que quase toda a intelectualidade se curvava ao neoliberalismo, foi um dos intelectuais que mais denunciou as contradições desse sistema.

A obra de Bourdieu passou por diversas vertentes críticas apesar de nunca perder o fio condutor único. Desta maneira, mesmo que sua obra tenha a aparência da mudança de estilo e de posições políticas, o pensamento crítico e a militância pessoal sempre estiveram presentes. Assim é que encontramos Bourdieu, nos anos 70, apresentando-se como um autor muito crítico, que dizia ser necessário “curvar a vara para o outro lado”, ou seja, radicalizar com o intuito de desmistificar a escola como um “sistema libertador” (LUDKE, 1991). Em seus estudos acerca da reprodução social, apresentava a escola como um local de reprodução social da cultura dominante. Bourdieu vai qualificar esta fase “como uma obra da juventude (...). Publiquei muita coisa depois e, mesmo antes, eu havia feito trabalhos que contradizem completamente a imagem escolar dentro da qual o sucesso de *La reproduction*² me encerrou” (LUDKE, 1991, p. 4).

“Encerrado” como teórico da reprodução nos anos 80, passa a ser criticado como um autor “reprodutivista”, ou seja, que dizia que a escola reproduz as desigualdades sociais, apresentando uma análise pessimista e sem alternativa. Nos anos 80 e 90, sua obra foi retomada por uma outra leitura que utilizava o método de Bourdieu como um referencial para o entendimento das desigualdades no interior das

¹ Bourdieu nasceu na região do Béarn, em 1930. Professor, foi titular da Cadeira de Sociologia do Collège de France. Faleceu em 2002.

² Bourdieu, P. e Passeron, J.C. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

sociedades e das escolas. Nestas leituras, os estudos de trajetórias passam a ser a tônica, com ênfase nas trajetórias familiares.

Ao final do século XX e limiar do XXI, Bourdieu ainda aparecerá num contexto social e político ampliado, tornando-se uma figura emblemática na luta contra o neoliberalismo. Apesar do intelectual rigoroso, sublinhe-se que Bourdieu nunca foi um intelectual restrito à academia. Antes, foi um intelectual que viveu a política e os problemas sociais de forma engajada (“...vivo lutando para mudar o sistema escolar na França e em outros lugares”. BOURDIEU, 1991, p. 4), realizando, quase sempre, críticas aos intelectuais que não se envolviam diretamente nos grandes debates nacionais.

Neste sentido, este trabalho busca retomar e apresentar as trajetórias de Bourdieu, destacando que as polêmicas, os engajamentos, as militâncias e as críticas sempre foram as tônicas de sua vida e de seu trabalho – mesmo quando aparentavam ser apenas um método acadêmico – discutindo e resgatando o conteúdo e a prática fortemente críticas e engajadas contidas na obra e ação do sociólogo francês. Assim, apresenta um pensador participante dos problemas políticos de seu tempo, mesmo quando suas obras pareciam demasiadamente herméticas e acadêmicas.

Bourdieu denuncia a escola

O destaque para a trajetória crítica e militante de Bourdieu, recortado neste artigo, remonta aos anos 70, nos quais Bourdieu³, junto com o também sociólogo francês Passeron, debate a escola, no livro “*A Reprodução*”, como uma instituição de reprodução da cultura dominante. De que forma? a cultura dominante seria definida como a cultura geral, numa definição arbitrária, de força, pois numa sociedade estratificada, grupos e classes dominantes controlariam os significados culturais mais valorizados socialmente. Estes significados mediam relações

³ Mesmo sendo, muitas vezes, rotulado de estruturalista, principalmente em suas análises acerca da reprodução social na escola, Bourdieu desenvolveu uma teoria fecunda, discutindo e denunciando a estrutura social, o capitalismo e as diferenças sociais e culturais, indo muito além das análises mecanicistas que marcaram o pensamento estruturalista. O próprio Bourdieu, em seu livro *Coisas Ditas*, define-se como “construtivista estruturalista”, buscando, desta forma, aproximar as análises macrosociais das análises microsociais: “A meu ver, não há contradição alguma entre uma visão do mundo social que se pode chamar de construtivista e outra, estruturalista. Mas como as pessoas pensam sempre de maneira dualista, dicotômica, por pares antagônicos, é preciso que elas oponham sempre coisas que, em si, não são opostas” (BOURDIEU, 1991, p.4)

de poder, transformando-se em “capital cultural⁴” e sua posse confere valiosa vantagem a determinados grupos e classes.

Qual o segredo da reprodução cultural? Encontra-se na forma de transmissão do capital cultural, constituindo o “habitus⁵”, um trabalho de inculcação ideológico primário, que começa na família e é complementado na escola, num processo de reprodução da cultura dominante. Assim, a transmissão cultural entre gerações situa-se também na distribuição de bens simbólicos e não apenas sobre a reprodução das desigualdades econômicas, fazendo com que a análise de Bourdieu não tenha um determinismo econômico de classe.

Para o autor, a escola usaria um código de transmissão cultural familiar aos jovens e crianças das classes com capital cultural e, o currículo (com ênfase na abstração, formalismo, palavra oral e escrita) limitaria as possibilidades dos estudantes de pouco capital cultural. Por exemplo, crianças que aprendem em seu “habitat social” a conversar na linguagem desvalorizada socialmente, teriam maiores dificuldades na escola do que crianças que vivem em um meio onde se conversa na linguagem valorizada. A pedagogia da escola seria, assim, uma espécie de código cifrado, de enigma, escrita numa linguagem que só pode ser decifrada por aqueles que receberam a chave da decifração na família, tornando a escola uma instituição legitimadora das desigualdades produzidas no âmbito familiar. E o que é mais problemático: estas desigualdades parecem residir na falta de capacidade e talento na aquisição escolar e não nas diferenças sociais de nascimento, constituindo-se, assim, numa “violência simbólica⁶”.

Na análise de Bourdieu, a violência simbólica não seria nenhum ato de imposição brutal e visível, mas uma sujeição subjetiva. A escola *não impõe* os valores da classe dominante, *mas exclui* as parcelas dominadas culturalmente. Assim, o sucesso de estudantes oriundos dos setores dominantes seria revestido de uma aparência meritocrática ao passo que o fracasso de alunos dominados culturalmente seria, subjetivamente, entendido como incompetência destes.

Estas análises foram fundamentais no desenvolvimento de uma teoria crítica da escola, pois esta instituição era apresentada, até então, como um local de democracia, de formação crítica, de distribuição de conhecimento e equalizadora das oportunidades sociais. Junto com

⁴ O conceito de “capital cultural” diz respeito à competência cultural e linguística socialmente herdada, facilitando o desempenho na escola e contribuindo para a distribuição desigual entre classes e grupos e, conseqüentemente, para a distribuição desigual do sucesso escolar.

⁵ O capital cultural é transmitido de geração para geração, de forma duradoura.

⁶ Toda sociedade estrutura-se como um sistema de relações de força entre classes e grupos e, sobre a base de força, erige-se um sistema de relações de força simbólica cujo papel é reforçar, por dissimulação, as relações sociais. Esta dissimulação constituiria uma “violência simbólica”.

outras análises que comporão as denominadas, certo ou erroneamente⁷, “Teorias da Reprodução”, serão fundamentais para o desenvolvimento da “sociologia da educação crítica”. Estava rompido o ciclo de “otimismo pedagógico” relativo ao sistema educacional. A escola era apresentada como uma instituição, para dizer o mínimo, conservadora. A partir de então, o discurso “positivo” da escola passará a ser visto com reservas sob o olhar do pensamento crítico.

Apesar de uma clara proximidade com o pensamento weberiano, observa-se, também, que as análises de Bourdieu situam-se no campo da sociologia da educação crítica e de esquerda, servindo para a denúncia de um sistema social e cultural injusto e perverso. Estas denúncias aproximaram, de certa forma, Bourdieu do pensamento marxista, pois, mesmo que Bourdieu usasse conceitos culturais na definição de classe social, o que o distancia do marxismo ortodoxo, apresentava um sistema de dominação de classe bastante crítico ao sistema capitalista.

Bourdieu é criticado

Mas, se aponta injustiças inerentes ao sistema capitalista, Bourdieu também receberá críticas de parte da esquerda marxista, que dirá que o sociólogo não aprofundou o conceito de reprodução contido nas obras de Marx. Este argumento será rebatido por Bourdieu, que, mesmo não se considerando “marxista”, aceitava de bom grado que sua obra pudesse contribuir para suprir lacunas na obra de Marx, um pensador que respeitava:

“Marx é um pensador muito flexível, como todos os grandes pensadores. Como se diz na França,” é a estalagem espanhola “para onde cada um leva o que consumir. Se levarem para lá o que eu faço e ainda encontrarem coisas, ficarei muito contente. Mas o que posso afirmar é que uma noção como a de capital cultural fez muita falta a Marx, impedindo-o de compreender o sistema escola, os intelectuais e mesmo certos determinantes sociais de sua própria obra. (BOURDIEU, 1991., p.5-6)”

Assim, pode-se constatar que sua teoria da reprodução terá um papel fundamental na elaboração de uma teoria crítica acerca da escola,

⁷ A Sociologia da Educação agrupará autores que, em um período próximo, fizeram análises acerca do papel conservador e reprodutor da escola diante das instituições capitalistas. Destacam-se o filósofo francês Althusser, os economistas estadunidenses Bowles e Gintis, e os sociólogos franceses Passeron, Establet e Baudelot.

apontando as injustiças que esta instituição, no sistema capitalista, apresenta de forma estrutural, e que também supre uma lacuna na tradição marxista.

Mas estas análises não terão uma trajetória tranqüila. Virá do campo marxista, ou neomarxista como alguns preferem, um corpo de críticas ao seu trabalho teórico. Parte do pensamento crítico, rotulando o autor, pejorativamente, de “reprodutivista”, afirmava que sua teoria era não-dialética, não levava em conta os conflitos, os sujeitos, e conseqüentemente, a possibilidade de transformação social. Em suas análises, para estes críticos, estaria presente a impossibilidade da mudança, o que o levaria a ser tratado como autor de uma importante obra denunciadora, porém politicamente desmobilizadora.

Por exemplo, as críticas do sociólogo francês SNAYDERS (1977) tiveram grande repercussão ao dizer que a teoria de Bourdieu e Passeron representava a “luta de classes impossível”. Diversos autores enveredaram pelo mesmo caminho, como GIROUX (1986) que argumenta que, apesar da importância teórica das análises de Bourdieu, estas estariam presas a uma noção de poder e dominação “unilateral e sobredeterminada”. Cita como exemplo a noção de *habitus*, que seria um conceito que não possibilitaria nenhum lugar para a transformação social, inscrevendo-se, desta forma, numa análise tecnicista.

No Brasil, estas críticas também transparecem em diversos trabalhos, como em SAVIANI (1995) que, no livro “Escola e Democracia”, de muita repercussão no campo educativo brasileiro, afirmou que, de acordo com Bourdieu, os grupos e classes dominados seriam marginalizados duplamente, pois não possuiriam nem a força material, motivada pela falta de poder econômico nem força simbólica, já que não seriam possuidores do capital cultural. Portanto, a educação seria um fator de reforço da marginalidade, não tendo nenhum papel na superação deste estado de coisas. Pelo contrário, a lógica da educação seria a de reforçar as desigualdades. E Saviani concluirá que, desta maneira, não haveria nenhuma solução, nenhuma alternativa.

Existem grandes possibilidades de que estas críticas sofridas por Bourdieu estivessem circunscritas, no Brasil, ao período de abertura política, no início dos anos 80, que traziam um certo clima de otimismo social, político e pedagógico. Porém, o próprio autor admitiria que alguns escritos seus, deste período, poderiam dar margem a interpretações errôneas.

Nos anos 90, o arcabouço teórico de Bourdieu passa a ser apresentado como “uma forma de fazer ciência”, através da utilização dos conceitos de “*habitus*”, “poder simbólico”, “capital cultural”, “violência simbólica”, que balizaram diversos estudos na área da sociologia

da educação e, desde então, são crescentes as menções ao autor neste campo. Bourdieu passa a ser utilizado, em diversos trabalhos acadêmicos, como um método científico, principalmente para estudos educacionais ligados à temática das relações entre as origens sociais e profissionais (CATANI, CATANI e PEREIRA, 2001).

Assim, nos anos 90, as críticas ao autor “reprodutivista” foram sendo arrefecidas e os conceitos deslocam-se dos debates políticos para pesquisas de cunho acadêmico, principalmente nos “estudos de trajetórias sociais” de grupos ou subclasses, demonstrando as heranças sociais e as estratégias sociais e pedagógicas criadas por estes grupos e subclasses. Estas análises, fundamentais para a compreensão de determinados fatos socioeducativos, não solucionam alguns problemas, como o dilema da escola como uma instituição reprodutora e conservadora. E apresentam, como problema, uma certa “despolitização” de Bourdieu, descolando um intelectual que construiu sua obra engajado na militância política, de suas denúncias e críticas políticas.

Bourdieu radicaliza a militância

Apesar de Bourdieu ser um intelectual sempre atuante nos debates políticos franceses, participando de reformas e projetos políticos na França, será nos anos 90 que ele viverá seu período de maior militância, e, desta forma, este tópico do artigo entrega, em boa parte, a palavra ao próprio autor para melhor ilustrar seu engajamento político. Este é um período em que Bourdieu discutiu em livros, mantendo a lógica da reprodução que demarca sua obra, a questão de gênero (“A Condição Masculina”), a relação entre o intelectual e a mídia (“A televisão”) e o neoliberalismo (“Contrafogos”).

Também publicou um volumoso livro, intitulado “*A Miséria do Mundo*”, onde entrega a voz para os dominados. Este livro demarca um Bourdieu na luta contra o neoliberalismo, que na França chegou a ser chamado de “pensamento único”, devido a sua força política e ideológica, mas que encontrou em Bourdieu um crítico mordaz, mesmo nos momentos em que o “pensamento crítico” parecia estar isolado. Bourdieu teve o mérito de resistir na sua coerência e não se entregar aos modismos acadêmicos. Desde então, construiu uma imagem do intelectual engajado, que participou dos debates dos “Fóruns contra a Globalização”, criticou o conceito de pós-modernidade e o xenofobismo, escreveu e fez palestras para sindicalistas, grevistas, movimentos sociais, desempregados, imigrantes, clandestinos, enfim, para todos que sofrem com a atual miséria do mundo (ver especialmente os dois livros

“*Contrafogos*⁸”). Também colaborou com o jornal francês “Le Monde Diplomatique” e seus artigos foram reproduzidos em diversas revistas não-acadêmicas pelo mundo a fora. Assim é que Bourdieu tornou-se crítico dos intelectuais tecnocratas e academicistas, afirmando:

“Por que se passou do intelectual engajado ao intelectual descolado”? Em parte porque os intelectuais são detentores de capital cultural e porque, mesmo que sejam dominados pelos dominantes, fazem parte dos dominantes. É um dos fundamentos de sua ambivalência, de seu tímido engajamento nas lutas. Eles participam confusamente dessa ideologia da competência. Quando se revoltam, é ainda, como em 33 na Alemanha, porque julgam que não recebem tudo o que lhes é devido, dada a sua competência, garantida por seus diplomas. (BOURDIEU, 1998).”

Bourdieu discutiu diversos temas presentes na atualidade, sempre crítico aos rumos que as sociedades tomavam em virtude da adesão ao neoliberalismo, que serão recortados, neste artigo, em alguns temas presentes nos debates educativos contemporâneos, como o papel do intelectual e sua relação com os meios de comunicação, o multiculturalismo, o neoliberalismo, o mundo do trabalho e sua conexão com a educação.

Assim, dentro dos temas citados, vê-se Bourdieu debatendo o papel dos meios de comunicação e explicitando sua crítica à Televisão, dizendo que esta preocupa-se – quase ao pânico – em divertir. E que, neste sentido, o debate político torna-se um espetáculo pouco excitante. Por este motivo, seria necessário torná-la mais interessante e, em consequência, para cumprir esta meta, o editorialista e o repórter-investigador são sacrificados pelo animador-comediante e a informação, a análise e a entrevista aprofundada são substituídas pelo puro divertimento e pelos apresentadores de ‘shows’. (BOURDIEU, 1998). Mas, ao mesmo tempo em que faz a crítica à televisão, Bourdieu não poupa os intelectuais que se furtam a buscar o espaço público para debater suas posições na mídia,

⁸ Os artigos destes livros são extraídos de publicações, dentre outras, de entrevistas e artigos no *Le Monde*, *Le Monde Diplomatique*, *Libération*, *Alternatives algériennes*, *O Globo*, *Les Inrockuptibles* e de intervenções, comunicações e conferências na Universidade de Keisen (Tóquio), na Humboldt Universität de Berlim (2000), no Fórum Internacional de Literatura de Seul (2000), na Convenção do Modern Language Association of America em Chicago (1999), no Colóqui Raisons d'Agir-Loccummer Kreis, na Alemanha (1999), na Gare de Lyon (nas greves de 1995), na Confederação Geral dos Trabalhadores Gregos, em Atenas (1996), nos Estados Gerais dos Movimentos Sociais, Paris (1996), no Encontro Europeu contra a Precariedade (1997) e na ocupação da École Normale Supérieure pelos desempregados (1998).

preferindo fazê-lo tão somente entre os seus pares, deixando a imprensa apenas para mercadores de informação:

“Também tenho consciência de que, ao convocar, como o faço aqui, os pesquisadores para se mobilizarem a fim de defender sua autonomia e de impor os valores ligados a seu ofício, exponho-me a chocar os que dentre eles, ao escolherem as facilidades virtuosas do encerramento em sua torre de marfim, vêm na intervenção fora da esfera acadêmica uma perigosa traição à famosa “neutralidade axiológica”, identificada erroneamente com a objetividade científica, e a ser mal compreendido, inclusive condenado sem exame, em nome da própria virtude acadêmica que tenciono defender contra ela mesma. Mas estou convencido de que é preciso, custe o que custar, introduzir no debate público, de onde estão tragicamente ausentes, as conquistas da ciência – e de passagem chamar à prudência os ensaístas loquazes e incompetentes que ocupam ao longo do tempo os jornais, rádios e televisões – liberando assim a energia crítica que permanece aprisionada dentro dos muros da cidade erudita, em parte por uma virtude científica mal compreendida, que proíbe ao *homo academicus* misturar-se aos debates plebeus do mundo jornalístico e político, em parte pelo efeito dos hábitos de pensamento e de escrita que fazem com que especialistas achem mais fácil e também mais bem remunerado, do ponto de vista dos lucros acadêmicos, reservar os produtos de seu trabalho para publicações científicas que não são lidas senão por seus pares. (BOURDIEU, 2001, p. 09-10)”

Junto com Wacquant, participa das discussões acerca do multiculturalismo, um dos campos de estudos com maior difusão acadêmica e social desde os anos 1990, fazendo severas críticas à política imperialista cultural norte-americana. Diz, por exemplo, que os EUA exportaram a sua problemática multicultural e racial para universidades de países que vivem realidades diferentes e que estas assimilaram estes estudos acriticamente, sem ressaltar a especificidade racista dos EUA, que seriam os únicos povos a definir raça a partir da ascendência e, somente, em relação aos afro-americanos. Assim, a pessoa seria negra pelo fato de possuir alguma ascendência negra. Bourdieu diferencia este conceito do caso, por exemplo, brasileiro:

“No Brasil, a identidade racial define-se pela referência a um continuum de “cor”, isto é, pela aplicação de um princípio flexível ou impreciso que, levando em consideração traços

físicos como a textura dos cabelos, a forma dos lábios e do nariz e a posição de classe (principalmente a renda e a educação) engendram um grande número de categorias intermediárias (...) e não implicam ostracização radical nem estigmatização sem remédio. (BOURDIEU e WACQUANT, 1968, p.23)”

“Mas todos estes mecanismos que tem como efeito favorecer uma verdadeira “globalização” das problemáticas americanas, dando assim razão, em um aspecto, à crença americanocentrista na “globalização” entendida, simplesmente, como americanização do mundo ocidental e, aos poucos, de todo o universo, não são suficientes para explicar a tendência do ponto de vista americano, erudito ou semi-erudito, sobre o mundo, para se impor como ponto de vista universal, sobretudo, quando se trata de questões, tais como a da “raça” em que a particularidade da situação americana é particularmente flagrante e está particularmente longe de ser exemplar(...) Poder-se-ia invocar, evidentemente, o papel motor que desempenham as grandes fundações americanas de filantropia e pesquisa na difusão da doxa racial norteamericana no seio do campo universitário brasileiro, tanto no campo das representações quanto das práticas. (BOURDIEU e WACQUANT 1968 p.25).”

“A maior parte das pesquisas recentes sobre a desigualdade etnoracial no Brasil, empreendidas por americanos e latino-americanos formados nos Estados Unidos, esforçam-se em provar que, contrariamente à imagem que os brasileiros tem de sua nação, o país das três tristes raças (...) não é menos “racista” do que os outros; (...) Ainda pior, o racismo mascarado à brasileira seria, por definição, mais perverso já que dissimulado e negado. (...). Em vez de considerar a constituição da ordem etnoracial brasileira em sua lógica própria, essas pesquisas contentam-se, na maioria das vezes, em substituir na sua totalidade o mito nacional da “democracia racial” (tal como é mencionada, por exemplo, na obra de Gilberto Freire), pelo mito segundo o qual todas as sociedades são “racistas”, inclusive aquelas no seio das quais parece que a primeira vista, as relações “sociais” são menos distantes e hostis. (BOURDIEU e WACQUANT, 1968, p.22)”

Denuncia a massificação globalizante e o imperialismo cultural quando afirma que o imperialismo cultural teria sua base no poder de universalizar particularismos. Que intelectuais de projeção na mídia,

jornalistas top, padrões e altos funcionários haviam assumido uma “novalíngua” que englobava palavras como “globalização”, “flexibilidade”, “governabilidade”, “empregabilidade”, “exclusão”, “nova economia”, “tolerância zero”, “comunitarismo”, “multiculturalismo” e os seus primos “pós-modernos”, “etnicidade”, “minoridade”, “identidade”, “fragmentação”, etc. Bourdieu e Wacquant chamam a atenção para o fato de que as críticas ao capitalismo, as dominações, as desigualdades, e as diferenças de classes, simplesmente sumiram ou foram tornadas obsoletas e arcaicas. E que mesmo setores militantes de esquerda e produtores culturais haviam assumido esta “novalíngua” sem assumir que haviam trocado de lado” (BOURDIEU e WACQUANT, 2002).

Bourdieu discute o desemprego, os rumos do mundo do trabalho e os movimentos de trabalhadores, chegando a afirmar que a existência de movimentos de desempregados, condição que destruiria aqueles que atinge, seria uma “milagre social”, pois retiraria estes da invisibilidade, do isolamento e da inexistência (BOURDIEU, 1998). Debate a dualidade no mundo do trabalho, no qual existiria um enorme exército de reserva industrial, de um lado e, de outro, uma pequena e privilegiada minoria de trabalhadores estáveis. Esta dualidade afetaria também o conceito de qualificação para o trabalho:

“A dualidade de status e dos rendimentos não pára de crescer: os empregos subalternos de serviços, subremunerados, de fraca produtividade, não-qualificados ou subqualificados (apoiados numa formação acelerada dentro da massa), e sem garantia de carreira, em suma, os empregos supérfluos de uma sociedade de serviços, como diz André Gorz, multiplicam-se. Inspirado em Jean Gadrey citando uma pesquisa americana sobre as 30 profissões que mais vão crescer: 17 não exigem nenhuma qualificação e oito, uma qualificação superior. Do outro lado do espaço social, os dominantes-dominados, isto é, os funcionários conhecem uma nova forma de alienação. Eles ocupam uma posição ambígua, equivalente à dos pequenos-burgueses em uma outra situação da estrutura, que leva a formas de auto-exploração organizada (...). Estafados, estressados, ameaçados de demissão, estão, no entanto, acorrentados à empresa.(BOURDIEU, 2001, p.52)”

Retomando suas discussões acerca da função social da escola, que justifica desigualdades sociais sob a aparência da maior capacidade meritocrática, discute as relações entre o mundo do trabalho e o da educação, e defende que a força do neoliberalismo está apoiada na

equivocada tese do “darwinismo social”, na qual os melhores, os mais brilhantes venceriam a competição no mundo do trabalho. Diz:

“Por trás da visão mundialista da internacional dos dominantes, há uma filosofia da competência, segundo a qual são os mais competentes que governam, e que tem trabalho, o que implica que aqueles que não têm trabalho não são competentes. Há os winners (vencedores) e os losers (perdedores), há a nobreza, que eu chamo de nobreza de Estado, isto é, essas pessoas que têm todas as propriedades de uma nobreza no sentido medieval do termo, e que devem sua autoridade à educação, ou melhor, segundo eles, à inteligência, concebida como um dom do céu, quando sabemos que na realidade ela é distribuída pela sociedade, fazendo com que as desigualdades de inteligência sejam desigualdades sociais.(BOURDIEU, 1998, p.58-59)”

Conclusão

Ao longo de sua trajetória intelectual e militante, Bourdieu recebeu diversos rótulos, muitas vezes de significados opostos. Foi apresentado como um intelectual rigoroso, hermético, academicista e criador de um método de pesquisa. Mas, ao mesmo tempo, era visto como crítico mordaz, reprodutivista, estruturalista, pós-estruturalista, dialético, não-dialético, pessimista, sem alternativa, funcionalista, militante, revolucionário. Nas suas influências teóricas, encontram-se autores de matizes diversas, destacando-se os clássicos da sociologia, como Marx, Weber e Durkheim. Assim, ao longo de sua vida, Bourdieu foi visto de diversas maneiras no âmbito do pensamento crítico e conservador.

Mas o sociólogo francês nunca perdeu seu desejo de denunciar, de transformar, de mudar e de militar politicamente. Portanto, a redução de Bourdieu a um pensador que apenas criou um método acadêmico de análise é restringir um autor fecundo, inquieto e comprometido com as mudanças sociais, que criticava, abertamente, os intelectuais que se apresentavam apenas para os “seus pares”. Do mesmo modo, o rótulo colocado em Bourdieu, tachando-o de um intelectual que, por causa de suas teorias da reprodução social, apresentava-se como um sujeito pessimista, “sem saídas”, não é pertinente. Pois se ele, com seu espírito contestador, apresentou problemas de difícil resolução, como as análises acerca da reprodução – que colocam, realmente, dificuldades e desafios para os intelectuais e os movimentos sociais e políticos comprometidos com as transformações sociais – nunca se furtou a debater e mesmo a

participar de ações políticas visando a superação dos problemas colocados.

Como todo grande pensador, as diversas definições e posicionamentos acerca da obra de Bourdieu, possivelmente, possuem fundamento e um pouco de razão, o que situa o sociólogo francês como um dos grandes pensadores contemporâneos. Assim, a morte encontrou-o vivendo um período que, mais do que nunca, conseguia sintetizar o intelectual criador de conceitos acadêmicos e o militante político engajado na construção de um mundo mais justo. Estes, na verdade, nunca estiveram separados, pois Bourdieu sempre se apresentou como um crítico mordaz, um militante político e social, mesmo que muitas vezes a apropriação de sua obra tenha tido um caráter cientificista e “neuro”.

O Bourdieu que se destacou na luta contra o neoliberalismo foi o mesmo sociólogo que procurava apresentar a escola como uma instituição que reproduzia os interesses dominantes. Desta forma, não se pode separar o intelectual engajado na transformação social e crítico do capitalismo neoliberal, do intelectual rigoroso nas análises sociais acadêmicas. Concluo que o Bourdieu, que em *Contrafogos*, defendia a reinvenção do trabalho de contestação e do trabalho militante, que dizia que o sonho dos pesquisadores deveria ser que seus trabalhos servissem aos movimentos sociais e aos militantes, que dizia que os intelectuais deveriam mudar sua linguagem e seu estado de espírito para aproximarem dos movimentos populares, é o mesmo Bourdieu que dizia, em outra linguagem e outra forma, que a escola exclui os dominados.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre . *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998. 746p.

_____. *Contrafogos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 151p.

_____. *Contrafogos 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 115p.

BOURDIEU, P. e PASSERON, J.C. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. 238p.

BOURDIEU, P. e WACQUANT. A nova bíblia do Tio Sam. *Le Monde Diplomatique*. Maio/2000 e Porto Alegre: II Fórum Social Mundial, 2002.

Disponível em: www.forumsocialmundial.org.br.

BOURDIEU, P. E WACQUANT, Loic. Sobre as artimanhas da razão imperialista. In: NOGUEIRA, M.A. e CATANI, A. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998. 251p.

CATANI, Afrânio, CATANI, Denice e PEREIRA, Gilson. Pierre Bourdieu: as leituras de sua obra no campo educacional brasileiro. In: TURA, Maria de Lourdes. *Sociologia para Educadores*, Rio de Janeiro: Quartet, 2001. 160p.

GIROUX, Giroux. *Teoria Crítica e Resistência em Educação*. Petrópolis: Vozes, 1986. 336p.

LUDKE, Menga. Entrevista com Pierre Bourdieu. In: *Teoria & Educação*, Porto Alegre: Pannonica, n. 3, p. 3-8, 1991.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas: Editora Autores Associados, 1995. 96p.

SNYDERS, G. *Escola, Classe e Luta de Classes*. Lisboa: Moraes, 1977. 406p.

Antonio Júlio de Menezes Neto é sociólogo (UFMG), mestre em extensão rural (UFV), doutor em educação (USP); Professor nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG. É autor de mais de 20 artigos acadêmicos, do livro "Além da terra: trabalho e cooperativismo na educação do MST" e de mais de 70 artigos em jornais.
E-mail: ajmn@netuno.lcc.ufmg.br
